

## IV. Desligamento

uma transição difícil

Sonia Altoé

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALTOÉ, S. Desligamento – uma transição difícil. In: *Menores em tempo de maioridade: do internato-prisão à vida social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 52-61. ISBN: 978-85-99662-95-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

#### IV. DESLIGAMENTO – UMA TRANSIÇÃO DIFÍCIL

Ao completar 18 anos os jovens internos da FUNABEM perdem os direitos relativos à condição de menor assistido. Passam à condição de maioridade, e ganham a liberdade e o dever de proverem sua própria subsistência.

Até a década de 1980 esta questão não chamava atenção e o desligamento desses jovens parecia transcorrer sem maiores problemas. Esta questão só passou a ser um problema conhecido, quando a ASSEAF fez várias denúncias através dos jornais sobre o abandono a que eram relegados os indivíduos que saíam da FUNABEM (*J.B.* 23.05.82). No início dos anos 80, a FUNABEM estabeleceu como norma que os internos que completassem 18 anos deveriam deixar o internato até o final daquele ano letivo. Participei desta experiência trabalhando como psicóloga num grande internato de adolescentes conveniado com a FUNABEM. Até esta época havia tolerância das autoridades em cumprir esta norma. E com isto se constatava que um número cada vez maior de internos permanecia no estabelecimento com mais de 18 anos. Com o enrijecimento da regra as assistentes sociais começaram um trabalho mais intenso, centrado na resolução dos problemas referentes à saída do internato – regularização de documentos (nome, idade óssea), tentativa de localização dos pais ou parentes, e um serviço incipiente de oferta de trabalho em empresas. Esta época coincide com uma dificuldade crescente dos jovens ingressarem nas Forças Armadas imediatamente ao sair do internato. Segundo o vice-presidente da ASSEAF, até os anos 70 era grande o contingente de alunos da FUNABEM que ingressavam nas Forças Armadas<sup>11</sup>.

Com todas as dificuldades de um serviço incipiente, o desligamento se passava sem maiores cuidados. Na medida em que a tolerância a permanecer no estabelecimento diminuiu, os jovens pressionados a sair, começaram a ficar muito ansiosos com o que ia lhes acontecer, apesar de não terem qualquer possibilidade de se prepararem efetivamente para enfrentarem o mundo fora do internato.

---

<sup>11</sup> Os entrevistados da Associação Beneficente dos ex-alunos da FACR confirmam esta informação em referência aos anos 50 e 60.

Dos funcionários e técnicos é frequente a referência – “basta de paternalismo”. É como se esta passagem de assistido para cidadão se desse por um passe de mágica, na medida que o jovem fosse desligado.

– Ele (diretor) falou assim: ‘Olha, você vai sair porque você já tem 17 anos.’ Aí não precisou nem chamada. Foi geral. Fizeram chamada, chamaram a gente dormindo. Aí chegou hoje de manhã, aí eu vim para o Rio. (Justino, 17 anos- estava internado numa escola de Minas Gerais).

A condição de “assistido” por vários anos dentro dos internatos que funcionam como instituições totais ou “prisões”, na expressão de alguns alunos, não prepara o indivíduo para enfrentar a vida fora, não só porque sai, na melhor das hipóteses, com o 2º grau completo, como porque a grande maioria não tem um preparo profissional (ensino profissionalizante) que os coloque em nível de competição com os colegas no mercado de trabalho, como também pela falta de uma rede de relações sociais, moradia, etc., que lhes deem um apoio necessário para que possam aprender aos poucos as regras do convívio social.

O próprio ato de desligamento é vivido por eles como uma decisão das autoridades institucionais frente a qual têm que se submeter. Na expressão de um dos nossos entrevistados, este ato se assemelha a libertação de um preso.

– Porque eles falaram quando me mandaram embora, falaram que eu sou livre, que agora sou homem sozinho, que não tenho família ... José, você agora é livre, é um rapaz sozinho, você vai casar, vai ser dono da tua vida, vai ter um filho. (José, 20 anos).

José relata que a assistente social lhe lembrou, ao sair, que ele fora internado bebê na Fundação Romão Duarte e que depois foi para a FUNABEM. Como vemos, as autoridades institucionais falam dele, definem a sua vida, sem que, em nenhum momento, ao longo de seus 18 anos, este rapaz tivesse tido a chance de se constituir enquanto sujeito e cidadão. Ele não tem claro nem sua própria estória, que lhe foi narrada pelos funcionários e cujo registro fica nos prontuários bem guardados da FUNABEM. E assim ele sai do internato. Constatamos que sua trajetória é uma das vias possíveis, sobretudo,

para aqueles indivíduos que saem massacrados psicologicamente, seguindo uma trilha próxima de mendicância<sup>12</sup>.

Mesmo com todas estas dificuldades José descobre que a vida fora da FUNABEM tem uma vantagem fundamental que é a liberdade.

– Não, eu achei melhor. Porque morar na FUNABEM é um lugar que fica preso, né? Porque lá tem hora de formar, fica formando toda hora. Forma pra comer, lanchar, tomar banho. Todo mundo fazia se formar... Meu dia na FUNABEM foi sofrimento. Foi mau. Foi um machucando o outro, outro se jogando lá da caixa d’ água, se matando. Isso na FUNABEM para mim foi maluquice que deu na cabeça de todo mundo aí. Eu acho a vida bem aqui fora. Trabalhava na Coca-Cola, saía toda hora. Gostava da vida. Pra mim a vida aqui fora era bom. Melhor que na FUNABEM. (José, 20 anos).

Em geral, os internatos não têm grande preocupação em manter o laço afetivo entre a família e o interno. O que se constata é o contrário. Há uma série de impedimentos organizacionais que impedem a manutenção dos laços afetivos que, ao longo do tempo de internação do jovem, vão se fragilizando e muitas vezes desaparecendo. Na fase de desligamento, entretanto, fica-se atento a qualquer sinal dos pais – carta, visita, etc. – para que possam encaminhar o jovem para suas casas. Não há, entretanto, nenhuma cerimônia ou ato oficial que marque esta saída. Os jovens saem como podem. Àqueles que são órfãos, a partir da década de 1980, a FUNABEM passou a garantir 3 meses de pensão, tempo considerado suficiente para que o jovem se situasse no mundo e encontrasse trabalho para ele próprio arcar com o pagamento da pensão. Este limite de tempo de 3 meses, como fase de passagem para ocorrer sua inserção social, se mostrou rapidamente ser uma falácia. Mesmo assim, os indivíduos eram desligados da pensão não havendo mais responsabilidade da FUNABEM. Frente a estas dificuldades e com o retorno frequente à FUNABEM, esta acabou reativando o SAC que se transformou no CAP. Este serviço passou então a encaminhar os

---

<sup>12</sup> Inicialmente José foi para uma pensão, depois morou na rua, no albergue Leão XXIII e na Associação Irmão Esperança onde foi entrevistado.

jovens para o emprego, realizando também um trabalho de intermediação com as firmas empregadoras.

A experiência de pensão é marcada por muitos conflitos. Os jovens narram briga entre eles, roubo, confusão com o dono da pensão. É provável que estes problemas decorram justamente da falta de capacidade desses indivíduos se situarem, de repente, num mundo com regras inteiramente desconhecidas, sendo invadidos por uma angústia brutal frente à nova situação de abandono que se encontram, e o medo de, em curto prazo de tempo, terem que ir morar na rua, finalmente, de fato, abandonados.

– Minha saída, minha saída foi uma simples saída. Me davam o jornal para procurar emprego e eu procurava e não encontrava. Aí ela (assistente social) chegou: consegui! Consegui e amanhã tu vai lá pro pensionato de Guadalupe. Chegou sábado, aí eu fui lá pra pensão. Eu fiquei lá uns 3 meses lá. Aí, arrumei problema com o coroa lá. Aí eu fiquei na rua aí eu falei, então: ‘oh, se hoje em dia saí da FUNABEM, eu tenho duas opção na cabeça: ou trabalhar ou roubar’. Aí eu falei: ‘se você me botar na rua pode ser que eu vou comer como a gente vê aqui assim ... quando a gente vê assim quando tiver, assim com fome assim na rua passando frio, aí eu vou esperar o meu ódio aumentar, minha raiva mesmo, vou acumular minha raiva e vou, e vou, e vou dá em cima de tu aí.’ Aí ele (dono da pensão) falou: “a casa é minha eu faço o que eu bem entender, tá legal?. ‘Tu que sabe. ‘ E aí ele me botou na rua, peguei a bolsa e fui. Aí eu fui lá no meu serviço, lá que fiquei lá dormindo lá. Aí foi mandou um me procurar aí o João, aí fui, voltei pra lá e de lá ... fui e voltei lá fiquei lá mais uns 10 dias e vim pra cá (Associação Irmão Esperança). (Marcelo, 18 anos).

A saída do internato é marcada sempre pela apreensão, medo de “encarar” um mundo que lhes é desconhecido, cujas regras não lhes são familiares e um mundo que dentro do internato é considerado “difícil”, “perigoso”. Além disso, dentro do internato o jovem sempre teve assegurado a alimentação, roupa lavada e cama limpa. Tudo à hora. Como diz João Carlos: “Não tinha preocupação com nada. Era só seguir as normas, né, tudo ali na ordem”. Sair do internato é perder tudo isto, é ter que conquistar o que lhe era dado até então, sem que nada lhe fosse pedido de volta, a não ser

“obedecer as ordens”. Esta condição de “assistido” se interrompe bruscamente. Os anos passados no internato só servem para a vida no internato, não o preparam para a vida fora de seus muros. É como sair de uma prisão, tendo entrado ainda criança e sem maiores referenciais ou estrutura psicológica, para entender a experiência de internação. Em geral, eles não entendem porque foram internados, nem porque estão saindo – a data do desligamento é vivida como arbitrária.

– Não houve preparação. Ela (assistente social) nem chega a fazer reunião dizendo que eu ia sair pra me preparar para a vida lá fora. Não falou. Eu acharia que devia fazer isso. Ela só fez, com o pessoal que não tinha pai nem mãe. Ela fez a reunião, porque queria botar o pessoal na rua. Fazer uma reunião para conversar, saber onde a garotada ia. Então foi justamente muito pessoal desses daí que não tinha pai e mãe que ficaram na pensão três meses. Depois acabou o dinheiro da pensão, a pensão, né, mandou eles embora. (João Carlos, 20 anos).

Mesmo aqueles que têm família sofrem o ato de desligamento como decisão arbitrária das autoridades, sem levar em conta suas necessidades para o encaminhamento de sua vida imediata. A assistente social é vista como um instrumento das autoridades.

– Saí da escola com dezessete para dezoito anos. Então logo assim que a assistente social sentiu que eu recebi uma carta da minha mãe, ela pegou essa carta e escreveu para minha mãe dizendo que ela teria que me desligar, que eu já tinha terminado os estudos (2º Grau). Mas minha idade estava na idade certa para continuar, era até dezoito – que eu tinha que me desligar, porque eu tinha pai e mãe. Aí minha mãe foi na Fundação, conversou com ela, explicou o caso a ela, porque era difícil me desligar, que eu precisava ficar lá até entrar pro quartel. Mas aí, ela, a assistente social não quis aceitar a conversa que minha mãe teve. Achou que ela era um pouco ignorante. Em certas partes porque para ela, a assistente social, é fácil. Não tem filhos, ela tem até uma situação boa em vista a muitas pessoas. Não tem filhos. Se ela tivesse uma pessoa lá dentro, ela ia sentir o que é a barra. O que tá acontecendo na vida. Se ela dependesse de um colégio interno pra deixar o filho dela, ela ia sentir. Se de uma hora para outra

a Fundação resolvesse entregar o filho na mão dela e agora o quê que eu faço? Você tem que desligar se eu não desligar, eles vão desligar ele de qualquer jeito. Aí ela me desligou. Saí do colégio interno, fiquei morando na casa do pessoal que eu conheço. (João Carlos, 20 anos).

O que lhes é assegurado no internato – cama, roupa, comida – é considerado não como um direito de cidadão, mas como “regalia”. Considero que esta representação ocorre porque o indivíduo na instituição total é sempre assujeitado, subjugado, impedido de desenvolver suas qualidades e potenciais individuais. Ele é infantilizado o tempo todo, pois isto facilita o controle, a homogeneidade e o atendimento massificado. Não lhe é dada nenhuma responsabilidade e nenhum direito de pensar e contestar. Sem qualquer esforço e irresponsabilidade de tudo, fica num ócio enorme e seu entusiasmo é esmagado desde seu surgimento. Aqueles que têm a oportunidade de encontrar um apoio ao sair, têm maiores chances de se inserirem no mercado de trabalho e assegurarem sua sobrevivência. Mas muitos deles não sabem o que fazer com a liberdade que lhes foi dada com o desligamento.

– (Como é que foi essa passagem de internado pra o mundo aqui fora?)

– Ah, eu achei melhor, porque a coisa melhor que existe é a liberdade. Porque eu num sou ... porque eu não gosto, assim, de pô, ficar sendo mandado por ninguém. Já chega pô chefe da gente no serviço que já fica mandando na gente pra caramba, pra chegar lá ah, é isso e isso e isso aqui porque se não obedecer aquilo, agente quer brigar, quer espancar, quer ficar botando os outros de castigo à toa. Aí, sabe agora eu achei que a vida aqui fora tá difícil pra quem pô num tem força de vontade pra pegar num serviço. Porque se tiver força de vontade nunca atrapalha a vida de ninguém. O importante é trabalhar numa boa. Aí consegue alguma coisa, né. Agora por isso que a maior parte de alunos que sai de lá, aqueles que não querem estudar, nem trabalhar, chega aqui fora quer moleza, quer continuar na moleza. Aí acaba eu indo pra cadeia! Acaba igual eu já vi muitos amigos aí na rua. Inclusive eu vi um, J.B., agora a pouco tempo. Ele foi ex-aluno lá da mesma escola que eu tava. Aí ele tava lá sujo, tava dizendo que num tava se alimentando direito, tava dormindo na rua. Aí depois que já tá nessa, aí já num tem solução nenhuma.

Lá é uma regalia, sabe aquilo lá é um troço mal acostumado pro cara. Lá tinha que ter mais duro do que aqui, mas... Se o cara, eles botam o cara no emprego se eles não ficaram falando: você vai ir, você vai pro serviço, num ficar brigando, o cara num vai, porque já é acostumado com a regalia lá de dentro, – ficar o dia todo comer, beber e dormindo. Aí eles acostumam os outros muito mal, porque certos que tem essa regalia, aí chega depois não quer enfrentar a real aqui fora. Aí o cara num sabe nem como enfrentar a real aqui fora, como é que se vive. Igual muitos aí, até cachaça tem bebido, dormindo na rua. Porque muitas pessoas lá avisa dá conselhos bons, agora muitos também dá conselho mal, também muitos quer ver na pior. (Ciro, 18 anos).

Ao serem desligados, os jovens sentem a separação e perda desse ambiente institucional provedor, com o chão ruindo sob seus pés. Os órfãos como os não-órfãos, todos, em geral, tiveram uma vivência forte de orfandade e abandono dos pais durante o tempo de internação. Dessa forma o ambiente institucional representa segurança, condições mínimas de sobrevivência material garantida e para muitos representa a “família” que nunca tiveram, ou com a qual não conviveram. É importante observar que o próprio ato de desligamento reflete os mecanismos de funcionamento institucional onde o indivíduo não é considerado ou respeitado. É uma norma que tem que ser aplicada a bem do funcionamento organizacional. A propósito de seu desligamento Ricardo fala:

– Eu acho que realmente a pessoa começa a perder tudo aquilo que ela tem lá dentro. Ela se sente trancada, tem medo de encarar, sei lá. Depois que sai da FUNABEM ela sente que está perdendo tudo. Ela acha que está perdendo tudo, realmente tudo. Ela tem medo de colocar o peito para frente, encarar e agarrar com a mão, assim e falar: Aqui fora vai ser o mesmo que a FUNABEM. Eu tive tudo lá e vou fazer de tudo para ter aqui fora também. A pessoa quando ela sai, vai embora, fica aí uma dor dentro dela, que ela não sabe nem como despachar aquela dor. Ela sente que está deixando lá também uma parte dela. (Ricardo, 18 anos).

Todo este medo e ansiedade de ser desligado faz com que alguns deles tentem permanecer trabalhando dentro do próprio internato onde foram criados ou no âmbito da mesma instituição.

Esses alunos demonstram uma preocupação marcante em agradar as autoridades, antes mesmo de sua saída, procurando manter boas relações e sempre prontos a prestar serviços diversos. Assim, conseguem trabalhar e morar dentro do estabelecimento que sempre os abrigou.

– Eu tava pensando de fazer a minha vida realmente. Na época havia uma superiora aqui que era muito rígida. Então era aquele tal negócio, ela queria ver todos os ex-alunos fora daqui. Eu sentia que ao mesmo tempo ela gostava de mim, mas ela tinha aquele tipo de coisa, não aceitava ex-aluno. Então ela sempre jogava piada pra mim: você tem que ir embora, não sei que, aquela coisa toda, entendeu? Eu já tava desesperado mesmo com essa irmã, tava mesmo. Eu já tinha terminado o meu científico, então eu pensava em arranjar uma profissão qualquer, principalmente porque eu saí da Caixa Econômica e tinha facilidade quando abrisse um concurso. Mas aquele tal negócio, quando abriu concurso não foi aqui no Rio, foi longe e aí não tinha ninguém pra me ajudar, tinha que andar, viajar e ter dinheiro para essas coisas todas. Então foi muita dificuldade pra mim. Foi muito difícil porque quem sai do colégio interno, não tem ninguém, não tem parente nenhum, pra dar apoio é muito difícil, é muito difícil mesmo. Muitas vezes o pessoal pensa que é fácil, mas não é não. É muito difícil mesmo. Principalmente pra quem não tem ninguém. E eu vejo esses garotos que saem, as meninas que saem também, não são preparadas né! A maioria delas tão com três, quatro filhos aí. Eles não preparam elas, não mostram a elas o quê que é o mundo, pra meninas principalmente, como evitar ter filhos né, usar anticoncepcionais. Pra isso elas não preparam também. (Edvaldo, 26 anos)<sup>13</sup>.

Uma outra questão que se coloca em relação ao desligamento e que durante toda a internação era relegada, é aquela de identidade. Todo cidadão tem direito a um nome, sobrenome e filiação, dados estes que devem constar na sua carteira de identidade. O sobrenome ou, mesmo, a idade correta muitas das vezes só vem a ser solucionado quando o interno está com 17 anos e precisa ter sua

<sup>13</sup> Edvaldo foi criado na Fundação Romão Duarte e lá permanece morando e trabalhando.

documentação completa antes de sair. É nesta época que se faz idade óssea e se define um sobrenome que, no caso, antes era “de tal”. É comum que no internato o indivíduo seja conhecido por um apelido ou seu número de roupa. Eles não têm o hábito de ter a posse de objetos pessoais e muito menos de documentos enquanto estão internados. Desta maneira a documentação é um problema importante nos primeiros meses que são desligados. Perdem-no com frequência. Não é certo que todos saiam da FUNABEM com os documentos necessários para se candidatarem ao primeiro emprego. É frequente, entretanto, que saiam com a carteira de identidade, faltando a carteira de trabalho e o certificado de reservista. Nesse sentido, um dos serviços que a ASSEAF como Juizado de Menores presta aos ex-alunos consiste em tirar os seus documentos.

– Muitos deles saem sem documentação. A partir de um determinado momento, diante da dificuldade que ele tem de acesso a moradia, até mesmo por não ter compreensão do que é documentação, ele perde a documentação. Ele vai morar na rua, aí na rua ele dorme hoje aqui, dorme ali, é roubado. E bate lá sem a documentação. (Vice-presidente da ASSEAF).

A questão dos documentos se relaciona a duas outras de imediato – moradia e emprego. Sem moradia fixa é difícil ou impossível guardar alguma coisa e sem documento não consegue se empregar.

– Eu saí com os documentos todinhos, certinho. Aí que eles falaram, que não pode andar com muito documento. E aí, onde eu vou guardar esses documentos? Ah os empregos, deu para eu achar empregos, mas não tinha documentos. Eles pediam os outros documentos e eu não tinha. Então eu comecei a ir na FUNABEM para tirar os documentos. (...) É, agora eu estou sozinho com uma nova família aqui (Associação Irmãos Esperança) uma nova casa, tirando os documentos. (José, 21 anos).

A perda de documentos ocorre, sobretudo, com aqueles que moram em pensão, albergue ou na rua. E sem documento, sem referência do domicílio e sem emprego o caminho de inserção social fica cada vez mais difícil.

Um dos objetivos importantes deste estudo é analisar como ocorre o desligamento do internato, como se procede esta fase de transição da condição de menor para a maioridade. O que se observa nesta primeira análise é que a passagem da condição de assistido e menor para a maioridade e cidadania se faz, sobretudo, por uma norma que determina que o indivíduo tem que ser desligado do internato, e não pelo preparo que ele possa ter adquirido para fazer face à sua nova condição. Os primeiros meses após o desligamento são muito difíceis e observa-se que muitas vezes eles ficam prisioneiros desta passagem, sem conseguir posteriormente mudar o rumo que se delineou logo nesses primeiros meses. Os dados observados apontam mais claramente para as seguintes vias:

Forças Armadas, pequenos empregos, mendicância e marginalidade.